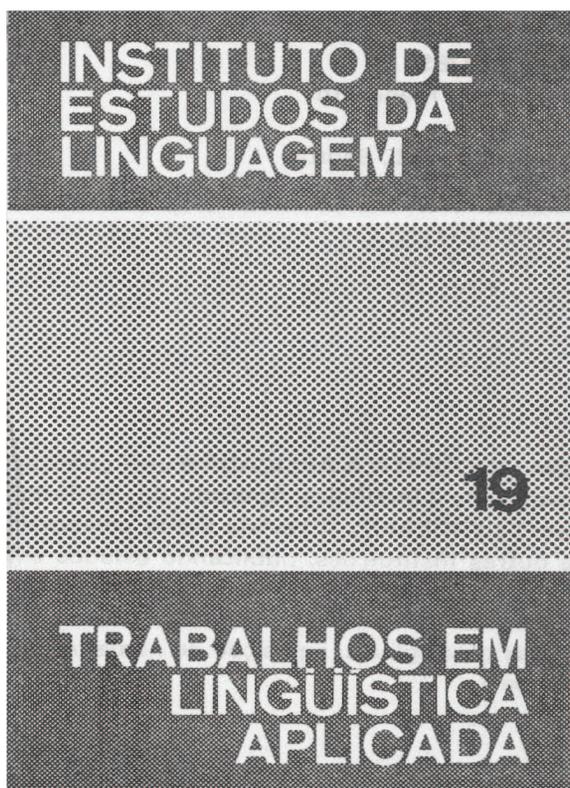


**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**



**TRADUÇÃO**

Organizadora: Rosemary Arrojo

Trab. Ling. Apl.	Campinas	n. 19	p. 1-111	Jan./Jun. 1992
------------------	----------	-------	----------	----------------

## **UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

Reitor: Carlos Vogt

Coordenador Geral da Universidade: José Martins Filho

## **INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

Diretor: Rodolfo Ilari

## **SETOR DE PUBLICAÇÕES**

Coordenador: Paulo Franchetti

Capa: Geraldo Porto

Composição: E. Santos/L. Santos

Arte Final: J. A. Duek

**TRABALHOS EM LINGÜÍSTICA APLICADA** é uma publicação semestral do Departamento de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. A revista aceita colaboração de pesquisadores de outras Instituições, publicando estudos em português, espanhol, inglês ou francês. Os trabalhos, acompanhados de resumos, serão submetidos ao Conselho Editorial. Para remessa de originais, aquisição de números avulsos e assinaturas dirigir-se a

**UNICAMP/IEL**

**Setor de Publicações**

**Caixa Postal 6045**

**13.081 - Campinas - SP - BRASIL**

**PEDE-SE PERMUTA**

**SUMÁRIO**

ROSEMARY ARROJO	
Apresentação. . . . .	5
MARILYN GADDIS ROSE	
Translation and Language Games. . . . .	9
LAWRENCE VENUTI	
Simpatico. . . . .	21
MAYA PERETZ	
A Female Poet and Her Male Translator: A Case Study. . . . .	41
PAULO ROBERTO OTTONI	
Algumas Considerações sobre a Teoria Polifônica e o Fenômeno da Tradução. . . . .	49
ROSEMARY ARROJO	
A Tradução Passada a Limpo e a Visibilidade do Tradutor. . . . .	57
CRISTINA CARNEIRO RODRIGUES	
O Sujeito no Texto: O Teórico, o Tradutor e o Leitor. . . . .	75
THELMA MÉDICE NÓBREGA	
A Tradução Contracultural de <i>On de Road</i> : Contra a Diferença. . . . .	83
SUSANA KAMPPFF LAGES	
O Tradutor e a Melancolia. . . . .	91
LENITA R. ESTEVES	
As Várias Faces e Fases de um Original Shakespeareano. . . . .	99
LUZIA A. DE ARAÚJO	
O Tradutor e o Computador: Possibilidades de uma Interface. . . . .	105

## APRESENTAÇÃO

O saber pós-moderno não é simplesmente uma ferramenta das autoridades; ele refina nossa sensibilidade em relação às diferenças e fortalece nossa habilidade de tolerar o incomensurável. Seu princípio não é a homologia do especialista, mas a paralogia do inventor.

Jean-François Lyotard  
**A Condição Pós-Moderna**

Na mitologia branca e patriarcal que tem servido de pano de fundo a todos os projetos concebidos pelo logocentrismo, a tradução é necessariamente associada ao feminino, à derivação, à ausência do autor que, como figura paterna e autoritária, detém o segredo e o poder da semente, do nome e da origem do significado. Nessa história, a tradução sempre desempenha papéis de coadjuvante, todos dramatizando, de uma forma ou de outra, algum tipo de inadequação. Um dos mais pitorescos e mais tradicionais desses papéis é o da atormentada "bela infiel", perseguida pela impossibilidade de manter sua beleza e, ao mesmo tempo, permanecer fiel ao seu autor e senhor "original". Nos artigos reunidos neste segundo número de **Trabalhos em Lingüística Aplicada** especialmente dedicado à tradução, esta passa a assumir o papel principal de uma história diferente. A "bela infiel" -- ou o seu duplo, a "feia fiel" -- aqui mais parece uma "bela adormecida" recém-arrancada de um conchilo milenar, não por um beijo, mas por uma sacudida, uma "solicitação", no sentido que Jacques Derrida atribui a essa palavra com base em sua etimologia (do latim "**sollicitare**", que significa "sacudir a totalidade" -- de "**sollus**", tudo, e "ciere", "movimentar", "sacudir"). E nessa narrativa, que inspira a maioria dos artigos aqui publicados, Derrida poderia muito bem desempe-

nhar o maquiavélico príncipe que, com a violência de sua "solicitação", tem podido liberar aquilo que o logocentrismo precisou recalcar durante tantos séculos: o caráter provisório e escorregadio de todo e qualquer significado mesmo dentro da proteção supostamente fornecida pela língua materna. Ao instalar a maldição de Babel no centro da construção que o logocentrismo deseja sólida e inexpugnável, Derrida -- como um herdeiro lúcido e ousado de Nietzsche e Heidegger -- liberta a reflexão sobre a tradução não apenas de seu sono e de sua cegueira mas também de sua submissão e de seu silêncio perante a tradicional "supremacia" do chamado texto "original".

Em sua "incredulidade diante de qualquer metanarrativa" e em seu "reconhecimento da natureza heteromorfa de todos os jogos da linguagem" -- nas palavras de Lyotard -- a reflexão pós-moderna (aquí concebida como um amplo guarda-chuva que abriga a desconstrução, o pós-estruturalismo e a psicanálise levada a sério) tem podido submeter os estudos sobre tradução a uma espécie de terapia de choque. Um dos sintomas da saúde que começa a ser conquistada é o início de uma aceitação da diferença (ou da *différance*), que inaugura qualquer processo de significação, e de uma renúncia à busca impossível do mesmo e à tentativa inglória de interromper o fluxo do tempo e da história, que tanto martirizam teóricos e tradutores fiéis a concepções essencialistas da linguagem. Conseqüentemente, pode-se começar a desmistificar a originalidade do original, a autoridade patriarcal do autor, e encarar com menos temor e com menos desconfiança o que quer que separe original e tradução, autor e tradutor, a língua materna da língua estrangeira. A "bela" já não tão "adormecida" e já não tão culpada por suas inevitáveis infidelidades, presa num labirinto sem saída durante tanto tempo, encontra um fio de Ariadne e começa a pôr ordem na casa.

Nessa nova ordem ou, talvez, no prenúncio dessa nova ordem, é com redobrado prazer que publicamos aqui "Translation and Language Games", de Marilyn Gaddis Rose, tradutora premiada, pesquisadora reconhecida internacionalmente e diretora do **Center for Research in Translation** da State University of New York, em Binghamton, E.U.A. Na conclusão do artigo que narra seu flerte com o pós-modernismo de Lyotard, cujas "jogadas" testa a partir de uma bem-sucedida prática tradutória, Rose manifesta seu entusiasmo cuidadoso: "We really want a theory that gives us a positive return on our task. What I can report now is that when I put Lyotard's modest propositions to the test, I was impressed" (p. 17). Marilyn Gaddis Rose toca precisamente naquela que pode ser a grande contribuição da reflexão pós-moderna à tarefa do tradutor: a possibilidade de que seja encarada em termos "positivos", sem a carga "baixo-astral" (pa-

ra repetir uma feliz expressão de Maria Paula Frota numa apresentação durante um recente encontro do GEL) que a persegue desde o embargo divino da construção da Torre de Babel, passando a ser reconhecida e aceita em sua vocação eminentemente autoral e produtora de significados. A visibilidade do tradutor na tradução que produz é um dos temas mais recorrentes dos outros trabalhos aqui reunidos e tem sido uma das preocupações centrais da reflexão de Lawrence Venuti, outro convidado especial que também tenho a honra de apresentar aos leitores. Tradutor destacado e teórico influente da visibilidade do ofício do tradutor, Venuti tem se dedicado não apenas a teorizar sobre essa visibilidade mas, sobretudo, a torná-la "visível" nas traduções que faz, propondo estratégias de "resistência" à suposta fusão do tradutor com o autor que traduz, tão veementemente recomendada pela tradição logocêntrica. Como declara em "Simpatico",

translation is a process which involves looking for similarities between languages and cultures -- particularly similar messages and formal techniques -- but it does this only because it is constantly confronting dissimilarities. It can never and should never aim to remove these dissimilarities entirely. A translated text should be the site where a different culture emerges -- where a reader gets a glimpse of a cultural other -- and resistancy, a translation strategy based on an aesthetic of discontinuity, can best preserve that otherness by reminding the reader of the gains and losses in the translation process, and the unbridgeable gaps between cultures. (p. 36 )

A presença interferente do tradutor no texto traduzido é também o tema de Maya Peretz em "A Female Poet and Her Male Translator: A Case Study" que, apesar de partir de pressupostos e de uma atitude diferentes dos de Venuti, mostra como a atuação do tradutor não é somente visível na tradução mas está atrelada àquilo que o constitui como intérprete, como filtro nada inócuo do texto de origem. No "caso" que envolve Milosz e a poetisa Anna Swirszczynska, esse filtro traz a marca da perspectiva e do desejo masculinos do tradutor, que irremediavelmente se apropria do que lê e o transforma em "outro". O texto de Maya Peretz, também convidada especial deste número, é uma amostra de uma área de pesquisa promissora que se abre na feliz intersecção entre os estudos sobre tradução e a reflexão proposta pelos estudos sobre a mulher, ainda praticamen-

te ignorada entre nós.

Os demais artigos aqui incluídos expõem parte do que poderíamos considerar a "prata da casa", representando parte da pesquisa em tradução que se tem desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, tanto por professores atuantes na área, como Paulo Ottoni e Rosemary Arrojo, quanto por alunos do Programa: Cristina Rodrigues, Thelma Nóbrega e Susana Lages (doutorado), Lenita Esteves e Luzia Araujo (mestrado). Nesses trabalhos, também se perscrutam a voz e a marca do tradutor no trabalho que realiza a partir de vários ângulos e se examinam algumas conseqüências do reconhecimento dessa voz e dessa marca, sempre sob a inspiração daquela sacudida providencial que a desconstrução tem nos permitido aplicar aos preconceitos milenares que têm envolvido a atividade tradutória.

Como organizadora deste número, somente posso esperar que os trabalhos aqui reunidos enriqueçam a reflexão sobre a tradução neste estratégico momento em que começa a se firmar como área de pesquisa reconhecida pelas disciplinas institucionalizadas. Entretanto, meu desejo mais pretensioso ao entregar estes trabalhos à apreciação do leitor é que sua cabeça, como a de Marilyn Gaddis Rose diante das possibilidades que a reflexão pós-moderna abre para a tradução, se encha de "enterprising projects", inspirados, obviamente, por essa "nova" mitologia e por esse "novo" personagem aqui delineados também com o objetivo implícito de fomentar a dignidade dessa atividade tão essencial e tão tradicionalmente menosprezada.

Agradeço à Marilyn Gaddis Rose, **managing editor** de **Translation Perspectives**, a permissão de incluir seu artigo nesta coletânea (originalmente publicado em **Translation Perspectives** V, 1990, pp.57-68). Agradeço também a Lawrence Venuti e à editora da Universidade de Wisconsin a permissão de reproduzir **Simpatico** (originalmente publicado em **SubStance** 65, 1991, pp.3-20).

Campinas, janeiro de 1992.

Rosemary Arrojo